

A QUEDA

Quando a festa começou, pouco depois das 8, não havia na sala nenhum besouro. Lá fora chovia e isto concorreu para criar na sala aquele clima de aconchego, de intimidade entre os convidados, mesmo estando muitos deles se conhecendo naquele dia, exatamente. A bebida aumentava o calor humano, a fumaça dos cigarros enleava a todos numa idêntica atmosfera e a conversa corria animada. Os dois últimos convivas chegaram por volta das 9 e foram acolhidos com alegria. As dez ou doze pessoas reuniam-se na sala, em torno da mesa carregada de salgados, gelos, uísque, copos. Falava-se neste momento da mulher que caíra (ou pulara?) do 12º andar de um edifício da Av. Brasil, no Rio de Janeiro, mulher de não sei quem, amante de não me lembra mais quem, apaixonada por outro, perseguida por não sei quem mais. E isto tudo era muito divertido, porque de vez em quando um ingênuo pedia um esclarecimento ou se detinha num detalhe que retardava todo o desenrolar da narrativa, feita por dois ou três entendidos do assunto, e os demais, ansiosos por conhecerem o final da história, rechaçavam as intromissões, tudo na maior harmonia e felicidade. Um dos narradores, que conhecera de perto a mulher em questão, aventurou a descrição mais pormenorizada dos dotes físicos da referida, certo sinal no ombro esquerdo, a linha sinuosa dos pés, e a curiosidade aumentou. Acrescentaram-se minúcias nunca imaginadas, e ouvidos, olhos e narinas se aguçaram. Repentinamente, entrou na sala, com estrépito, um besouro lustroso, esvoaçando

tonto junto à cortina da janela, e ninguém percebeu. A mulher de cabelos e olhos negros, que estava de frente do tal narrador mais afoito, ganhou uma expressão a um tempo sonhadora e matreira, fazendo com certa insistência o marido da companheira do lado, marido este que estava justamente em frente dela, ao lado do citado narrador. O marido da outra parece não ter percebido nada a princípio, mas os olhos negros já eram agora aquelas lanternas de hospedaria, de que alguém já falou, e convidavam à cozinha ou ao poço de água fresca, e não se conseguia mais ignorá-los. Um segundo depois, a mulher dos olhos já se sentara ao lado do seu "antagonista", numa intimidade repentina, como que feita de anos de convívio. A outra mulher, a verdadeira, estranhava muito aquilo tudo, mas sem saber bem por quê, ou talvez para se vingar, recostou-se levemente no ombro do vizinho da esquerda, que estremeceu ligeiramente, logo se recompondo e aderindo àquele aconchego oferecido assim tão espontaneamente. A esta altura o besouro já fazia vôos pela sala toda, muito aflito, e seria impossível não notá-lo, não fosse a capacidade que tinha o narrador, agora único, de ligar os episódios, com extrema maestria e graça. Alguém, que já pressentira o besouro, via-o agora nitidamente, mas denunciá-lo seria o mesmo que quebrar um precioso copo de cristal, e arriscar-se a ser expulso da sala. E os episódios se sucediam, a mulher (suicida?) já agora prestes a se atirar do 12º andar, mas retida lá em cima, ainda, pela mão do narrador que, entrando em digressões muito a propósito, esclarecia outros dados relativos ao tresloucado gesto. Ela deverá ter ficado lá, no limiar da eternidade, bem uma meia hora, para que ouvidos e olhos se enchessem das histórias nada rotineiras da vida da infeliz. A dona da casa, até ali muito solícita no atendimento aos convidados, já se havia assentado num almofadão estampado que ficava no chão do can-

to esquerdo da sala, e recostara-se na parede, numa atitude de abandono muito charmosa e natural. O narrador se entusiasmara definitivamente e nem percebia os tateios aflitos e cegos do homem e da mulher ao seu lado, como que à procura de algo perdido um no corpo do outro. Imediatamente a mulher (a verdadeira) e o seu companheiro do lado, como que num espelho, refletindo os mesmos gestos, puseram-se a acarinhar-se loucamente. O besouro neste momento já batia com força no rosto de todos os presentes, picava-os, tirava-lhes sangue, o narrador continuando impassível a trajetória da queda do 12º andar do edifício, agora já no meio do caminho, em direção ao asfalto da avenida, irrecuperavelmente, caindo... caindo... A pessoa que presentira há tempos o besouro quis gritar, mas teve medo, a voz presa na garganta, prevendo a inutilidade de sua intervenção. A dona da casa, o vizinho do apartamento do lado, os dois narradores iniciais, uma recém-desquitada, duas senhoras casadas, os maridos trocados, todos se buscavam, se tateavam, se consumiam...

De repente, um grito. Olhos e bocas pisados. O besouro se chamusca na luz do abajur do centro, um cheiro de carne queimada invade a sala. Só então é que, um a um, silenciosamente, os convidados se levantam, e num gesto leve de cabeça para a dona da casa, prostrada a um canto, saem todos cabisbaixos, com duas patas de cavalo coladas na extremidade inferior das pernas em substituição aos pés naturais.